

Próximo alvo - emissoras públicas



Por EUGÉNIO BUCCI*

Emissoras públicas atraem a fúria de Donald Trump, empenhado em cortar os recursos federais que elas deveriam receber

1.

Depois de disparar contra as universidades e a contra imprensa, a Casa Branca pretende agora atacar as emissoras públicas dos Estados Unidos. As estações de rádio da NPR (*National Public Radio*) e as estações de TV da PBS (*Public Broadcasting Service*) entraram na mira. Estamos falando de dois pilares da comunicação social de toda a América do Norte. A PBS foi formada 1970 e hoje reúne 365 canais de televisão dedicados à cultura, à educação e ao jornalismo independente e crítico.

A NPR surgiu em 1969 e tem 1041 rádios públicas entre as suas afiliadas, algumas delas em atividade desde a primeira metade do século XX. Um dos pontos altos de sua programação tem sido o jornalismo internacional. As duas entidades provam diariamente que qualidade pode fazer sucesso e se distinguem por não veicularem anúncios publicitários banais, desses que oferecem hamburger, pasta de dente, cartão de crédito ou vitaminas em cápsula. Elas não têm fins de lucro. Agora, atraem a fúria de Donald Trump, empenhado em cortar os recursos federais que elas deveriam receber.

A notícia de mais essa agressão contra as liberdades nos Estados Unidos apareceu no *New York Times* de segunda-feira: "Casa Branca pedirá ao Congresso que retire o financiamento da NPR e da PBS". Na prática, isso significa que cerca de um bilhão de dólares devem ser retirados do orçamento da NPR e da PBS. Os repórteres Benjamin Mullin, Tony Romm e Jonathan Swan, do *Times*, ouviram fontes que estão trabalhando diretamente nessas medidas e trouxeram a história a público. Um furo providencial. É bom poder contar com o jornalismo vigilante e atento.

O site da NPR também deu destaque para o golpe: "Trump planeja ordenar o corte do financiamento para NPR e PBS". O primeiro parágrafo do texto não esconde nada e não exagera nada: "O governo de Donald Trump preparou um memorando enviado ao Congresso comunicando sua intenção de encerrar quase todo o financiamento federal para as emissoras públicas, o que inclui a NPR e a PBS, segundo informou um funcionário da Casa Branca que falou com a NPR".

Aqui, vale uma nota sobre o comportamento habitual das emissoras públicas dos Estados Unidos: elas não sonegam de sua audiência os ataques que sofrem do governo. Estão certas em agir assim. Ao não abaixarem a cabeça, não ajudam o agressor com o silêncio obsequioso. Ao contrário, dão visibilidade total para tratamentos indevidos que, às vezes mais, às vezes menos, recebem dos governantes.

A NPR e a PBS sabem que seus ouvintes e telespectadores não são apenas crianças - há adultos na sala. Por isso, quando se trata de contar sobre como se sustentam (ou como não se sustentam), têm o costume respeitoso de tratar os adultos como adultos: compartilham com eles, em primeira mão, o que eles têm direito de saber; não fazem rapapés de

a terra é redonda

acochambramento com autoridades em prejuízo do direito à informação de que todo cidadão é titular.

2.

Voltando ao país de Donald Trump, onde nuvens carregadas se avolumam no horizonte, o fato é que as emissoras públicas agora são atingidas pelas manobras de um governo que opera se nenhum escrúpulo para se converter rapidamente em ditadura ordinária. Esse mesmo governo vem promovendo a asfixia das melhores e maiores universidades do país, como Columbia e Harvard. Ambas são privadas, como os ultraliberais gostam de alardear, mas ambas dependem fortemente de verbas federais, como os privatistas preferem esconder. Não se faz pesquisa de qualidade sem apoio governamental, em nenhum lugar do planeta, mas pouca gente parece saber disso.

Contra as universidades, Donald Trump adotou a linha de fazer chantagem aberta, descarada, e às vezes consegue o que quer. Columbia aquiesceu, ao menos por enquanto, e fez as mudanças que atendem aos caprichos da Casa Branca. Quanto a Harvard, esta promete resistir. O governo quer retirar 2,2 bilhões de dólares do caixa dessa grande instituição, mas Harvard firmou o pé. Postura digna. A briga é boa e justa. O desfecho, incerto.

Sinais negativos e positivos aparecem também nas contendas entre o presidente e a imprensa. Do lado dos sinais negativos, o pior talvez seja o anúncio veiculado na semana passada pela maior rede de jornais dos Estados Unidos, a *Gannett*. Segundo o comunicado oficial da *Gannett*, os seus títulos se dobraram às pressões da Casa Branca e, entre outras rendições, vão remover menções à diversidade em sua pauta diária.

Entre os sinais positivos, está a vitória judicial da agência de notícias *Associated Press*. Há uma semana, os repórteres da *Associated Press* recuperaram seu direito de voltar a frequentar os eventos de imprensa na Casa Branca, por decisão de um juiz federal. Desde fevereiro, eles vinham sendo barrados nesses encontros. O motivo? Ora, muito simples: a agência se recusa a mudar o nome do Golfo do México para Golfo da América em seu noticiário.

O panorama é esse. Quadro conturbado. A NPR e a PBS viverão tempos duros. Se souberem enfrentar a sanha autoritária, contribuirão para a causa democrática nos Estados Unidos e no mundo todo.

***Eugenio Bucci** é professor titular na Escola de Comunicações e Artes da USP. Autor, entre outros livros, de *Incerteza*, um ensaio: como pensamos a ideia que nos desorienta (e oriente o mundo digital) (*Autêntica*). [<https://amzn.to/3SytDK>]

Publicado originalmente no jornal [O Estado de S. Paulo](#).

A Terra é Redonda existe graças aos nossos leitores e apoiadores.

Ajude-nos a manter esta ideia.

[CONTRIBUA](#)